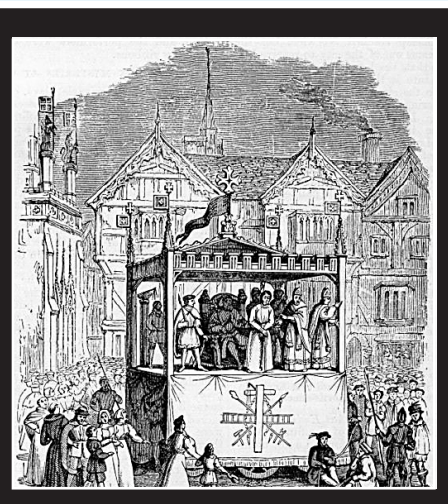

À esq.,o novo Teatro Globe, em Londres, réplica da casa do tempo de Shakespeare e inaugurado em 1999, e acima e à direita, imagens do teatro medieval

No palco elisabetano

Fotos: Divulgação/Antonio Scarpinetti

LUIZ SUGIMOTO
sugimoto@reitoria.unicamp.br

No século XVI, quando a Londres oficial – com seu conselho administrativo, centros comerciais e financeiros, escolas, igrejas e residências – ainda estava organizada dentro das antigas muralhas erigidas pelo Império Romano, os dramaturgos e atores do teatro elisabetano (período renascentista inglês) se estabeleceram entre os paupérrimos e outros renegados em áreas marginais chamadas de *Liberties*. Nelas ficavam sanatórios, leprosários, prisões e prostíbulos.

"Das margens de Londres, o teatro elisabetano foi contaminando a sociedade e acabou por se transformar em uma das vozes de maior expressão da cultura no século XVI. Seu apogeu, que se deu com Shakespeare, Marlowe e outros dramaturgos, nunca foi reeditado em épocas posteriores", conta Flávia Domitila Costa Morais, que apresentou tese de doutorado sobre o tema no Instituto de Artes (IA) da Unicamp, orientada pelo professor João Francisco Duarte Júnior.

Em seu estudo, a autora avalia a participação do teatro renascentista inglês e seus dramaturgos na transição de uma visão de mundo marcada pela episteme medieval para uma cosmovisão renascentista. "Eu apresento este teatro como uma forma de ativismo cultural que visava superar o clima estritamente pietista e sacralizado da Idade Média, contribuindo para a emersão do homem moderno".

Flávia Morais é formada em Língua e Literatura de Língua Inglesa e seu mestrado, na Faculdade de Educação (FE) da Unicamp, resultou no livro *Literatura vitoriana e educação moralizante* (Editora Alínea). Agora, em seu estudo de doutorado, a fim de situar o teatro elisabetano no contexto histórico, a pesquisadora teve antes que abordar a essencialidade do teatro, voltando-se para os modelos greco-romanos na sociedade da oralidade, e repassar aspectos importantes do teatro medieval inglês.

"Para falar do Renascimento, geralmente nos reportamos à Antiguidade Clássica, pois houve realmente um empréstimo dos modelos greco-romanos. Na Inglaterra, porém, o Renascimento adquiriu certas peculiaridades, fazendo com que o teatro elisabetano devesse mais ao teatro medieval inglês do que propriamente a uma imitação do modelo teatral greco-romano. Contudo, é preciso lembrar que tanto o teatro grego como o medieval têm origem no culto religioso", justifica a autora.

Flávia Morais lembra que, no teatro grego, o herói era sempre conduzido pela vontade dos deuses, podendo-se supor a plateia como mera espectadora. No teatro medieval, as personagens eram figuras bíblicas e, embora a comunidade participasse ativamente da montagem dos espetáculos, prevalecia certo distanciamento com relação à vida cotidiana. "É no teatro secularizado moderno que encontraremos personagens que vivem situações em que se refletem as virtudes e fraquezas do ser humano".

Mistérios e milagres

No capítulo *O mito da idade média e o teatro*, a autora recorre a estudiosos medievalistas para desmistificar o senso comum de que aquela foi a "idade das trevas", apenas de doenças e fome, sob o feudalismo como o pior dos regimes. "Na verdade, o teatro medieval era uma explosão de vida e alegria. Descrevo os três tipos básicos de suas peças na Inglaterra: os ciclos dos mistérios e milagres (que duravam semanas como no ciclo de *Corpus Christi*), as peças de moralidade e os interlúdios".

The Fortune Theatre, de 1600

A pesquisadora explica que, na Inglaterra ainda católica, as missas eram rezadas em latim e os fiéis que, em sua maioria, nada entendiam, compareciam somente por devoção. "Não se sabe quem teve a ideia de dramatizar alguns trechos da Bíblia no meio da liturgia. Como as igrejas começaram a ficar lotadas, essas pequenas encenações passaram a ser feitas do lado de fora, em praças e feiras. Surgiram assim os ciclos dos mistérios e milagres".

Segundo Flávia Morais, o fato de padres representarem figuras como as de Cristo, de Deus e mesmo do diabo era considerado blasfematório pela Igreja. Isto fez com que as peças passassem a ser produzidas por guildas – corporações de artesãos ou ofícios. "Cada episódio ficava ao encargo de uma guilda, como no caso da guilda dos *Water-Leaders and Drawers in Dee*, formada por trabalhadores responsáveis por retirar e drenar as águas do rio Dee, e que preparava o episódio do *Dilúvio*".

A autora acrescenta que os ciclos eram apresentados em carroças alegóricas, que passavam em procissão durante dias ou semanas, representando desde a *Criação* até o *Juízo Final*, diante do público. Já em algumas cidades, a apresentação se dava em vários palcos fixos e o público é que se deslocava para assistir a todo o ciclo. "De uma forma ou de outra, tratava-se da genuína expressão do teatro de rua, com participação de toda a comunidade na atuação ou na organização destes eventos".

Aos ciclos dos mistérios e milagres sucederam-se as peças de moralidades, conforme observa Flávia Morais. "Os dramaturgos deixaram de se inspirar na vida de santos ou em trechos das *Escrituras* para, no palco, apresentarem personagens que personificavam os vícios e virtudes em uma contenda para ver quem influenciaria mais as escolhas do protagonista, geralmente chamado de *Everyman* ou *Mankind*, que representava a humanidade".

Os interlúdios, explica a pesquisadora, apareceram já durante a reforma protestante, tendo Henrique VIII como um dos apreciadores destas pequenas peças encenadas na corte e também por artistas itinerantes. "O interlúdio apresentava ensinamentos morais, mas a temática incluía a luxúria e uma linguagem mais obscena. Creio que foi a ponte que ligou o teatro medieval ao elisabetano, pois possuía características de ambos, embora já com sua atenção mais voltada para o homem e suas escolhas".

Mundo moderno

Flávia Morais afirma que o teatro elisabetano, portanto, herdou atributos de uma expressão teatral fortemente vinculada ao sagrado e de modalidades já secularizadas, o que veio a gerar grande embate com a igreja reformada. Ao mesmo tempo, abriu as portas para o mundo moderno. "Este teatro nasceu à margem da sociedade, no espaço de maior liberdade de expressão que eram as *Liberties*, e foi se desenvolvendo paralelamente a acontecimentos históricos cruciais – e prováveis causas do próprio Renascimento – como as descobertas marítimas e a invenção da prensa de Gutenberg que democratizaria a cultura literária".

Entretanto, ainda era um teatro para ver e ouvir, e não para ler, como atenta a autora da tese. "A peça escrita não era considerada literatura e os próprios dramaturgos não viam sentido em publicá-la. Ainda assim, os espetáculos atraíam quem tinha contato maior com as letras e a arte, além da população em geral. A visualização dos acontecimentos por meio da encenação dos atores proporcionava forte identificação do público com este teatro".

De acordo com a pesquisadora, o público interagia com os atores de forma bastante livre, levado por forças conscientes e inconscientes, o que dava maior significado ao que estava assistindo. "O filme *Shakespeare apaixonado*, apesar de ser uma ficção, retrata bem o ambiente do teatro elisabetano. Quando Julieta pergunta 'onde está Romeu?', alguém da plateia responde: 'Está aí, morto ao seu lado'. Era muito interessante; uma verdadeira entrega".

Igualmente interessante, na opinião de Flávia Morais, foi o hábito de ir ao teatro que se criou na sociedade, apesar dos esforços dos puritanos – bem mais radicais do que os anglicanos quanto às reformas na igreja – para desestimular o gosto por este entretenimento. Com maioria no Parlamento, os puritanos proibiam a publicação de propagandas dos espetáculos. "Para convocar a população, as companhias tocavam uma trombeta e hasteavam uma bandeira no alto das casas teatrais: era branca para comédia, preta para tragédia e vermelha para peça histórica. As casas estavam sempre cheias".

Flávia Domitila Costa Morais, autora da tese: "O teatro elisabetano abriu as portas para o mundo moderno"

Poder de Shakespeare

Shakespeare parece ser o único nome a vir à mente quando se menciona o teatro elisabetano, mas a autora destaca na pesquisa outros três importantes dramaturgos do período: Christopher Marlowe, que poderia ter alcançado o mesmo *status* de Shakespeare, não fosse sua morte prematura; Ben Jonson, cuja obra é bastante extensa; e Thomas Kyd, também falecido precocemente. "A tese tem 330 páginas e, no capítulo mais longo, abordo dramaturgos, companhias e atores deste período. Analiso como ganhavam a vida e como começaram a se organizar profissionalmente, além da sua relação com a realeza e a nobreza."

Obviamente, Flávia Morais dá destaque especial ao paradigma shakespeariano, mostrando como ele foi construído e quais os temas e imagens recorrentes na obra do bardo de Stratford. "Em sua genialidade, Shakespeare usou de uma força inovadora excepcional no momento em que a língua inglesa moderna estava em processo de formação; usou uma linguagem que, em larga medida, foi responsável pela enorme identidade do público com o teatro da época".

A pesquisadora observa que mesmo nas tragédias como *Hamlet* e *Otelo*, Shakespeare sempre proporcionava um momento de alívio para a plateia, incluindo uma situação cômica. "Shakespeare fazia uso de verso e prosa, agradando tanto aos letrados, que iam ouvir mostras da maestria dos autores, como ao povo, que conseguia compreender e participar do espetáculo".

Citando Harold Bloom, que escreveu *Shakespeare – A invenção do humano*, a autora endossa a afirmação de que o dramaturgo inglês, em amplo sentido, foi grande responsável pela formação do homem moderno, lançando, no seu teatro, as bases para a compreensão das potencialidades humanas. "É quando vemos a emergência do sujeito autônomo a fazer suas escolhas, consciente ou em processo de conscientização da sua força. O Renascimento é o período da recolocação do homem no centro de significado da história".

Flávia Morais recorda outro escritor, o polonês Jan Kott, autor de *Shakespeare, nosso contemporâneo*, para sustentar que sempre é possível fazer uma releitura da obra shakespeariana, adaptando-a à contemporaneidade. "É um teatro que se mostrou capaz de se adequar a diversos tempos. Acredito, comungando com a convicção de inúmeros estudiosos, que Shakespeare nunca será silenciado".